

71. Hoje são os filhos dele que choram, amanhã serão vocês

Janina dos Santos Forte

Me chamo Janina dos Santos Forte, sou do povo Karipuna, da Aldeia Espírito Santo, este é o meu segundo relato. Perdi meu pai no dia 7 deste mês, vítima da COVID-19. Meu pai se chamava Fernando Forte, iria completar 57 anos no dia 07 de agosto, no mesmo dia em que ele completa um mês de morto. Há 34 anos ele era servidor federal e trabalhava na Saúde Indígena, ele nos contava que quando foram buscar ele pra trabalhar, ele fugiu para *Saint-Georges-de-l'Oyapock* porque ele não queria trabalhar na saúde, ele queria ser professor. Na época era a liderança quem escolhia a pessoa para trabalhar, conseguiram encontrá-lo e foi assim que ele começou a trabalhar como auxiliar de enfermagem. Meu pai foi cacique da Aldeia Espírito Santo, uma liderança ativa e presente até o último momento. Ele participou da demarcação das nossas terras, minha inspiração para me tornar liderança foi ele e minha avó Xandoca.

Meu pai veio trabalhar em Oiapoque no ano de 2018, quando assumiu a chefia da CASAI (Casa de Saúde Indígena) de Oiapoque. Ele decidiu lutar para melhorar a saúde do nosso povo, deste então deu o melhor de si para atender nosso povo indígena! Quando ele se mudou para a cidade sentimos muita falta dele, mas todo final de semana ele ia para a aldeia nos ver. Ele tinha diabetes, era hipertenso, tinha problema nos rins, mais se cuidava, tomava muito remédio caseiro. Em agosto do ano de 2017 ele sofreu um AVC (Acidente Vascular Cerebral) e quase que ele morreu. Pedimos que ele parasse de trabalhar para cuidar mais da saúde e ele se recusou, disse que se parasse de trabalhar iria ficar mais doente, e assim que ele ficou bom voltou à ativa. Ele amava trabalhar na CASAI, a mamãe dizia que a CASAI era a paixão dele.

Quando começou a pandemia da COVID-19 ele foi imediatamente para a aldeia, por ele ser do grupo de risco não podia ficar na cidade. Desde então estava lá conosco, voltou a sua vida de 10 anos atrás: acordava, tomava café e ia para a casa da minha avó ver como ela estava. Na aldeia ele tem um *carbê* e ali ele viveu esses meses pescando, comendo e deitando

na rede, com toda nossa família reunida. Estávamos tranquilos pelo fato dele estar por lá, longe da cidade e da doença.

Quando os primeiros casos foram confirmados nas aldeias fizemos uma reunião com a comunidade. Meu pai e a equipe de saúde da aldeia explicaram às pessoas como era essa doença. Em uma de suas falas meu pai disse: “se eu pegar essa doença eu vou morrer”, ele tinha total consciência do que essa doença era capaz.

Fizemos de tudo para nos proteger, usávamos máscara, não saímos para a cidade, usávamos álcool em gel, tudo para proteger nossos familiares e comunidade. Mas mesmo assim o vírus chegou em nossa comunidade e, conseqüentemente, chegou até o meu pai. No dia 18 de maio recebemos uma notícia que abalou nossa família: meu tio, irmão do meu pai, havia falecido de COVID-19 em Oiapoque. Nossa! Foi muito triste! Meu pai ficou arrasado! Quando fui dar a notícia à ele, ele me disse: “hoje são os filhos dele que choram, amanhã ou depois serão vocês”. Me lembro disso com muita tristeza, já era o começo da despedida do meu pai.

No dia 21 de junho vieram para Oiapoque meu pai, minha mãe, meu irmão e meu filho mais velho. Meu pai estava preocupado com a nossa casa aqui em Oiapoque, pois não tinha ninguém ficando nela. Nesse tempo já estávamos com muitos casos na aldeia, assim, não contrariamos a vinda dele, e ele prometeu que não sairia de casa. Mal sabíamos nós que já estávamos contaminados, minha mãe já estava com a doença. Assim que chegou no Oiapoque minha mãe começou a ter febre e dor no corpo, logo em seguida foi a vez do meu pai. Ele começou a ter febre em uma sexta-feira, eu estava na aldeia, mas falávamos com meus pais todos os dias pelo *WathsApp*, foi assim que eu soube que ele estava doente.

Na terça-feira eu vim para cá, para o Oiapoque, cuidar deles. Quando cheguei aqui meu pai estava mal, com diarreia, febre e dor no corpo. Conversei com ele para irmos para o hospital, mas ele não queria, conversei até convencê-lo. Fomos neste mesmo dia, à tarde, para o hospital, ficamos até às 10 horas da noite e voltamos para casa. O médico tinha pedido alguns exames e fizemos no dia seguinte, assim que saiu o resultado dos exames voltamos ao hospital e o médico encaminhou meu pai com urgência para Macapá. No sábado, às 14 horas, ele foi transferido de aeronave para Macapá, na terça-feira ele morreu.

No dia em que enterramos meu pai perdemos mais um senhor da nossa comunidade, também vítima da COVID-19. Não está sendo fácil para nós, pois essa doença está acabando conosco, fisicamente e mentalmente. Esta é uma história que eu não gostaria de estar

contando para vocês, minha família está arrasada, perdemos nosso pilar e estamos tentando nos sustentar sem ele. Vivemos um dia de cada vez, com a ajuda e o companheirismo dos nossos amigos e familiares mas, principalmente, da nossa comunidade, que tem nos dado todo apoio, estamos seguindo...

Tento, assim como minha família, me lembrar só das coisas boas, o quão bom pai meu pai foi. Sempre amigo, companheiro e um homem de bom coração, nunca iremos esquecer tudo que ele nos proporcionou. Espero, assim como todos, que esse tempo ruim logo passe, que se ache logo a vacina ou a cura para esta doença, para que outras famílias não tenham que passar pelo que a minha família tá passando hoje.

Oiapoque, Amapá, Brasil

29 de julho de 2020